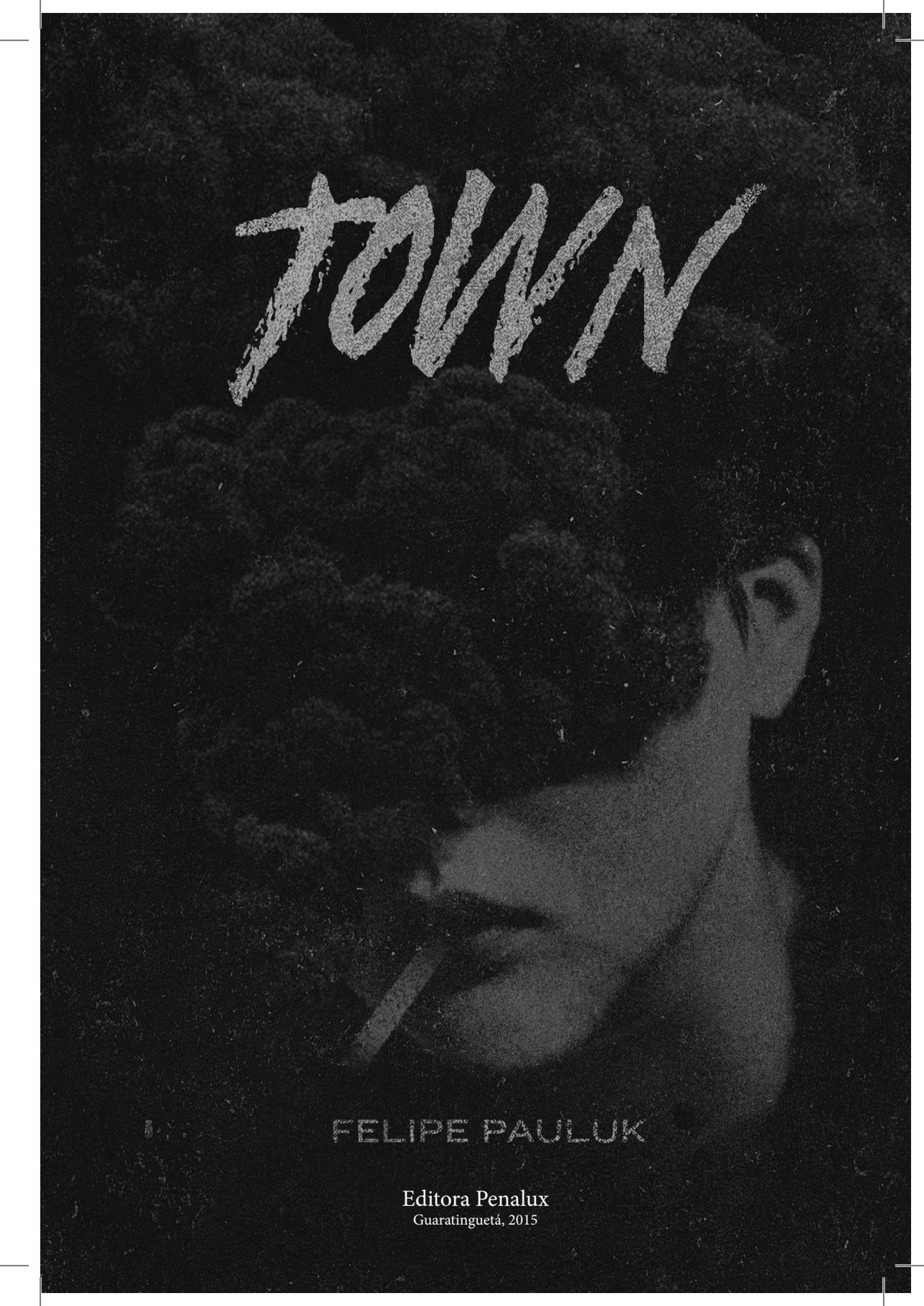


TOMMY



FELIPE PAULUK

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2015



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Leonilda Bissochi

PROJETO CAPA
(imagem e fonte)
Kaly Kakubo e Carol Spalding

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P333T PAULUK, FELIPE. 1984 -
TOWN / FELIPE PAULUK. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

216 p. : 22,5 cm.

ISBN 978-85-69033-03-5

I. ROMANCE. I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Capítulo 1

- como assim?
- como assim, o quê?
- como alguém “vévi” de pornografia?
- que pornografia, cara? são contos eróticos.
- quem lê pornografia?
- não é pornografia.
- está bem, mas quem gosta?

traguei o cigarro, a fumaça da balada suja.

- meu irmão, eu vivo disto.
- como pode alguém que “vévi” de contos eróticos?
- eu escrevo e mando para uma revista do segmento. eles publicam e depositam o dinheiro.

eu travei uma discussão tola, com um qualquer de uma balada, enquanto fumava meu cigarro antes de voltar para pista. o cara fazia faculdade de contabilidade e ainda por cima, sem traquinagem, falava “vévi” em vez de “vive”.

o meu amigo Filósofo que me acompanhara naquela noite abafada, que a cerveja escoava pelos ralos das gargantas pueris, podia muito bem testemunhar ao meu favor.

na verdade a discussão começou assim: após o som rockabilly de um banda de vocalista com mini-peitos e sem camisa,

num palco minúsculo, eu, entediado pela discotecagem surrada de sempre, fiquei sem ar por um instante.

não digo que precisava de um ar puro e com cintilantes e invisíveis gotas de sereno umedecendo minha face, apenas, queria um ar meu, pertencente a minha pessoa, dentro da minha poesia maculada. não algo organicamente sujo, fabricado pelo bafo de jovens esquizofrênicos que ditam modas relâmpagos e fazem faculdades de intelectuais do passado. saí para fumar e convidei meu amigo, o Filósofo.

na área dos fumantes, uma zona abarrotada de barbas, pois nesta época mulher que fuma é brega, mulher que chupa é moderna, encontramos o tal rapaz do “vévi”.

— meus olhos estão vermelhos? — pergunta o futuro contador.

— não.

— ainda bem.

— na verdade não muito.

— ai, caralho!

— mas, por quê?

— porque o quê?

— por que você perguntou se os seus olhos estão vermelhos? teus pais te surram se chegar com o olho vermelho em casa? (ironia)

— é, quase isto.

eu e o Filósofo rimos.

dava pra ver somente na maneira dele fumar. não tinha ginga, não sabia tragar, o mundo não lhe ensinou boas maneiras.

uma ovelhinha feia tentando ser um lobo, um lobo faminto. mas coitado, nunca será.

— é que meus pais não sabem que eu fumo.

— está explicado.

mas você não chega fedendo cigarro?

— sim.

— e o que eles dizem?

— sabe o que é, eles são evangélicos.

— protestantes.

— radicais.

— nossa, que terrível. — completou o Filósofo.

— aí, eu estou meio que desviado.

— está seguindo o caminho do mal?

— ah, não fala assim.

sou confesso a dizer que ele tinha um jeito afeminado. e sabia disto.

— por que você veio aqui hoje?

— ah meu, pra dançar e pegar mulher.

eu olhei para o Filósofo, ele olhou pra mim e fizemos aquela cara de descontentamento quando encontramos um cara assim. o nome científico pra este tipo de juvenil, caras que somente “vévem” o que se passa na frente da retina, é joséba. não sei bem de onde tiramos isto, mas era algo imposto em nosso vocabulário.

demos risadas.

— vocês estão achando que eu sou viado?

— não, eu não falei isto. você acha que ele é viado, Filósofo?

— bem capaz.

(não usamos de ironia)

— então, aí como eu sou desviado eu venho aqui e curto pra caralho, só que eu vou na igreja às vezes e me dá muito arrependimento.

— digamos que você não faz bem nem uma coisa nem outra.

— é isto.

— quantos anos você tem?

— dezenove.

— você é novinho. nem perdeu o cabaço ainda.

— e você, quantos anos tem?

— trinta.

— mentiroso.

— por que eu estaria mentindo?

— onde já se viu, um cara com trinta anos que “vévi” de escrever pornografia?

neste ponto eu percebi que ele, o cara que fala vévi, fuma e tem medo do inferno, não conhecia a metade da vida. e eu acredito fielmente que ele morrerá assim.

o Filósofo, meu amigo psicólogo e entendido de que a vida é um grande carteadado [nem sempre as cartas boas são as melhores, pois quem as joga é você] me fez um sinal que dali pra frente o papo não seria dos melhores.

o cigarro estava no miúdo, já queimando o talo. eu consideraria acender outro, mas com aquele sujeito me importunando não daria, resolvi aceitar o conselho do Filósofo.

- mas me diz, você acha que eu estou certo?
- não sei, amigo, isto tem que estar dentro de você.
- o Filósofo pode te falar algo.
- pois é, eu acho que inferno não existe, então se divirta.
- disse o Filósofo.
- eu tenho medo do inferno.

eu joguei a bituca no chão e pisei sobre ela, como quem aniquila um fogo falso.

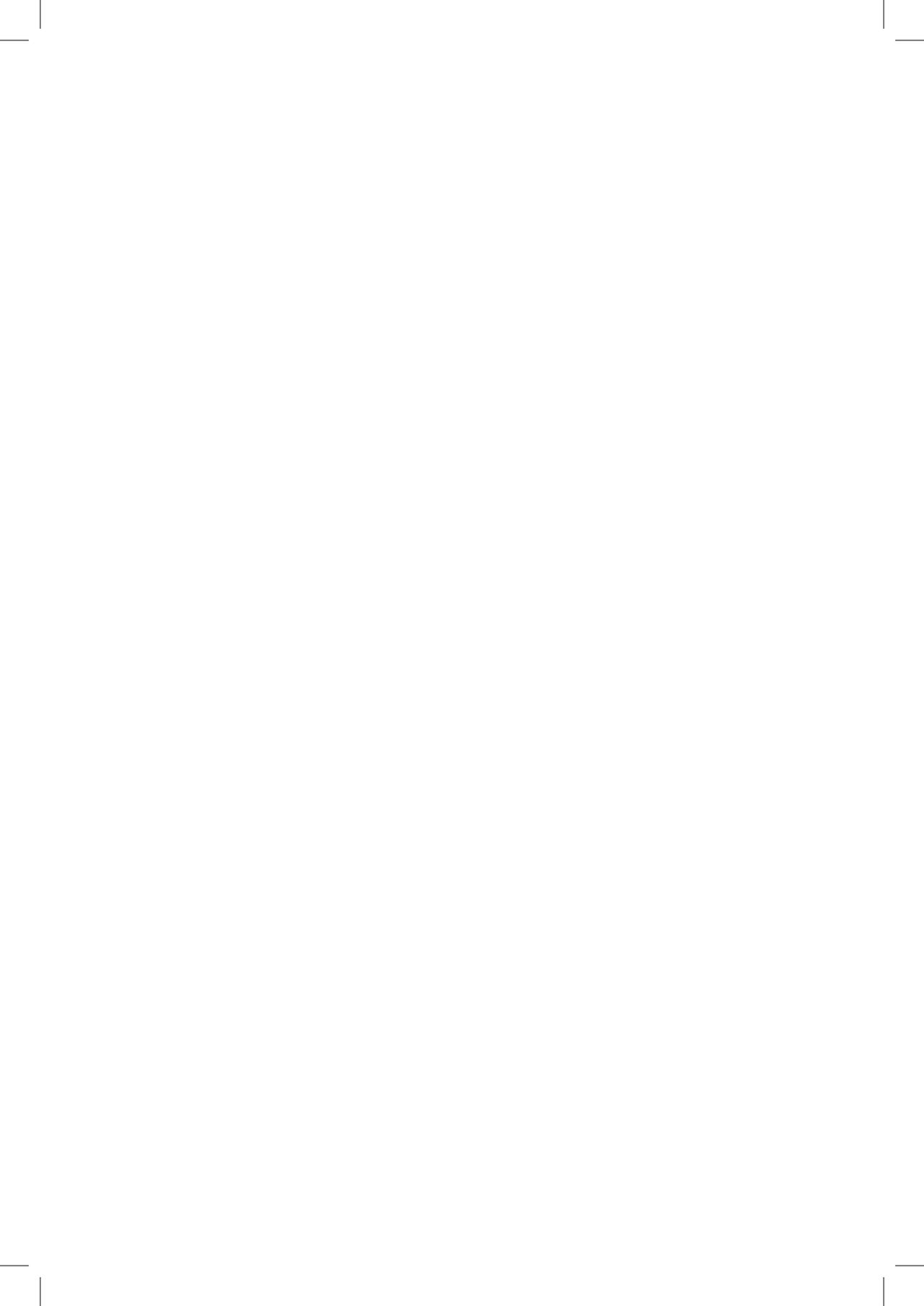
- você acha que eu estou errado?
- cara, vai pra casa,
- aceita Jesus, vai pra igreja. Jesus te ama.
- acho que ele não me ama.
- ele ama o pecador, mas não o pecado.

este foi o melhor conselho que eu poderia dar a ele naquele momento.

o cara era um perdido, não que eu seja um achado, mas ele não tinha direção alguma
se continuasse nesta vida ficaria mais queimado do que ponta de maconha.

aquilo foi uma profecia mais do que concretade que a noite não seria boa.

o Filósofo arrependido que queria ser contista.
o contista realizado que queria ser considerado um Filósofo.



Capítulo 2

no outro dia a ressaca era certa, meu cérebro pesava uma tonelada.

não é fácil bancar o canalha, é uma carga que você só sente o peso no dia seguinte, quando suas articulações doem.

o ditado se cumpre: foda é mijar de pau duro e fuder de pau mole.

apesar de ser domingo eu tenho que trabalhar, a revista solicitou um conto para uma edição extra chamada: “as 50 loiras que você precisa ver antes de morrer”.

sempre a mesma coisa, loiras com os seios estourando na foto, os cabelos esvoaçantes e a boca de quem acabara de chupar um picolé de morango.

eu já não aguento tantas mulheres artificiais, de papel.

dancei pouco na última noite, mas o suficiente para fazer minhas articulações doerem.

após mijar é hora do primeiro cigarro do dia, e uma ligação.

— alô?

— alô.

— sou eu.

— tudo bem?

— tudo e você?

— eu e as crianças vamos levando.



www.facebook.com/comidadibutequim

 pauluk.escritor@gmail.com

 [facebook.com/felipe.pauluk.7](https://www.facebook.com/felipe.pauluk.7)